

**DISCURSO DE POSSE COMO TITULAR DA CÁTEDRA OLAVO SETUBAL
DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA EM 28 DE MARÇO DE 2019,
NA SALA DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA USP**

Helena Nader

Senhoras e senhores,

Estava no laboratório discutindo resultados com alguns estudantes, quando recebi um telefonema do Prof. Ary me convidando para jantar com a Regina e o Martin, no qual fui informada que havia sido indicada para ocupar a cátedra Olavo Setubal junto com o brilhante Paulo Herkenhoff, intelectual, escritor, curador entre outras da “Bienal da Antropofagia”. Fiquei honrada, feliz, surpresa e muito apreensiva frente ao desafio colocado que permite explorar sociedade, cultura, produção artística e investigação científica, transcendendo os limites disciplinares, uma aventura no desconhecido.

O físico Charles Percy Snow, em conferência na Universidade de Cambridge, há 60 anos atrás descreveu que a vida intelectual de toda a sociedade ocidental estaria dividida em duas culturas – a das ciências e a das artes. Essa divisão arbitrária e artificial, criticada por muitos, foi bastante prejudicial, assumindo que a sociedade deveria escolher entre uma forma ou outra para explicar e compreender o mundo.

Hoje, de acordo com o neurocientista Russel Foster as diferenças culturais entre ciência e arte estão deixando de existir. Em suas palavras:

"Entendemos agora que as artes e as ciências são os polos subjetivos e objetivos do mesmo grande empreendimento humano, que existe apenas um mundo lá fora e temos que vê-lo com uma mente sempre curiosa e cada vez mais ampla".

Em pleno acordo com Russel Foster, passei a me perguntar porque e quando essa divisão foi criada. Em uma breve pesquisa, acabei voltando ao Período do Renascimento, e à revolução artístico-científica que acontecia na época. Entre muitos exemplos, é quase impossível distinguir as contribuições

científicas das artísticas e culturais. Novos instrumentos, como bússolas, mapas, astrolábios, navios eram elaborados em um diálogo permanente entre artistas e cientistas, e muitas vezes por pessoas que exerciam ambas formas de pensar. Esses inventos permitiram descobrir a existência de novas terras, novos povos, com outros costumes, formas de agir, outros sons, cores, cheiros, materializados em outras ciências, outras artes e outras culturas, que modificaram profundamente a forma como o ser humano se compreendia e compreendia seus pares. Foi nessa época que Galileo Galilei, considerado o pai da ciência moderna, atestou o heliocentrismo, concepção que transformou não apenas as discussões sobre física e astronomia, mas a sociedade como um todo.

Foi também no Renascimento que o maior artista, humanista, filósofo, cientista, Leonardo Da Vinci, propôs com obras de arte a investigação da anatomia humana e ensaios complexos de máquinas voadoras, por exemplo. Vesalius fazia descrições precisas do corpo humano, acompanhadas de xilogravuras, Michelangelo com as inovações nas formas de composição dos pigmentos e do trabalho em mármore.

No iluminismo, no afã pela racionalidade, parte da sociedade passou a compreender as ciências como o método correto de explicar o mundo, deixando às artes, por exemplo, a função da fruição estética. Divisão que paulatinamente foi se impondo no cotidiano, refletida e reforçada em hábitos sociais e padrões econômicos.

Estes exemplos, claro, dizem respeito a um olhar eurocêntrico de sociedade, que não leva em consideração a imensa produção cultural e científica das populações indígenas das Américas, do rico continente Africano, da Ásia e da Oceania, com contribuições de impacto para a população global. São exemplos, a arquitetura dos Incas, os conhecimentos sobre plantas medicinais e pigmentos da população indígena brasileira, a estrutura civilizacional do Império Ashanti.

Esta minha fala não tem a pretensão de ser uma aula, mas simplesmente de compartilhar algumas reflexões sobre o tema, e claro, as minhas próprias descobertas nessa recente imersão.

É impossível não trazer Nise da Silveira para este diálogo, que há 80 anos atrás revolucionou a psiquiatria, propondo um novo tratamento – profundamente humanizado – que tinha na arte a resposta para sofrimentos

psíquicos até então tratados com eletrochoques, isolamento e até lobotomia. Foi com Nise, uma cientista, que tivemos acesso a artistas como Emygdio de Barros e Adelina Gomes, entre tantos outros. Lembro também que tamanha a importância da inovação, que, a pedido de Jung, Nise apresentou em 1957 em Zurique, no 2º Congresso Internacional de Psiquiatria uma mostra das obras de seus pacientes, intitulada “A Arte e a Esquizofrenia”. Nise celebrava a imaginação, e via nela uma ponte fortemente estabelecida entre a ciência e a arte.

A interação, possíveis diálogos e parceria entre arte, cultura e ciência são temas de interesse global, presente na obra de inúmeros artistas. Como apresentado na Mostra “A arte e a ciência: Nós entre os extremos”, com curadoria do Paulo Miyada e Priscila Gomes, apresentada no Instituto Tomie Ohtake, os adventos tecnológicos contemporâneos tem levado a uma aproximação cada vez maior e diversificada desses dois campos.

Outro exemplo dessa discussão é o prêmio Marcantonio Villaça, que reconhece artistas que discutem criticamente a indústria, e, artistas que, inclusive, lançam mão de experimentos como forma de expressão artística. Nesta última edição, por exemplo, o jovem artista Pedro Motta, de Belo Horizonte, por meio da fotografia, acompanha as transformações do relevo mineiro, e do impacto do homem na natureza, fazendo intervenções digitais na imagem que nos fazem questionar o que é real ou não. Ou, Marcelo Moscheta, finalista nessa edição, que faz os inventários georreferenciados de pedras, rochas, de diversos lugares do planeta, recompondo paisagens e construindo novas localidades. Ambos, além de uma contribuição inegável para as artes, fazem intenso uso da ciência, utilizam técnicas, tem um rigor em suas ações, e documentam suas preocupações e investigações. Essas ações – mais claramente visíveis nestes artistas – sempre estiveram presentes.

Na minha visão, arte, cultura e ciência devem servir à sociedade, a nos ajudar a construir um mundo de fato plural, solidário e justo. São formas de olhar criticamente o presente, e trabalhar por um futuro de infinitas possibilidades.

No entanto, para que essa tríade possa de fato impactar a sociedade, é necessário conquistar um marco anterior: o direito de todas as pessoas à educação. Não consigo fazer o debate da integração ciência, arte e cultura

sem reconhecer a injustiça e as múltiplas desigualdades do nosso sistema educacional.

Entendo que não há melhor lugar para realizar esse duro e necessário debate que onde estamos agora: uma universidade pública, referência mundial, e com capacidade instalada para a inter e transdisciplinaridades necessárias a enfrentar este desafio.

E isso se faz especialmente necessário nos tempos atuais, quando o questionamento da ciência, seja pela substituição da teoria da evolução pelo *design inteligente*, seja negando a astronomia e a física como um todo ao assumir um suposto terraplanismo, a negação dos avanços científicos da medicina, a negação dos corpos e identidades dos indivíduos, entre tantos outros. E, na arte com a retomada de uma pseudomoralidade, que restringe a criação em nome de valores não compartilhados e obscurantistas em sua essência.

Questionamentos infundados sobre os valores éticos e morais que eu, ingenuamente acreditava estivessem francamente estabelecidos na nossa sociedade, e que poderão afetar muito negativamente nossa cultura e quem somos como sociedade. Estamos diante do desafio de enfrentar também neste espaço a proposta de uma cultura hegemônica e totalitária, que não aceita a diversidade.

Levamos muito tempo para reconhecer a importância e a necessidade do Outro. Arte, cultura e ciência foram parceiras no estabelecimento dessa agenda no País. Não podemos retroceder.

Mahatma Gandhi já dizia que a “força não provém da capacidade física, e sim de uma vontade indomável”. Ou como dizia Anísio Teixeira: “A morte do homem começa no instante em que ele desiste de aprender”.

Hoje, me coloco, junto ao Paulo e aos vários colegas e amigos que certamente vamos acionar nesta jornada, com um misto de orgulho e humildade.

Sou uma pessoa privilegiada. Estudei em universidade pública. Tive mestres excepcionais que me ensinaram os valores profissionais. Tive uma família ímpar, pais e irmã que sempre me acompanharam, ensinaram a ética e o respeito ao outro, incentivando e vibrando a cada conquista. Um grande mestre

e companheiro, e uma filha muito especial e um filho do coração, que inundaram minha vida de amor e compreensão.

Encerro com algumas palavras de Fernando Sabino em "O Encontro Marcado:

"De tudo ficam três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto, devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro... "

Muito obrigada.